

Inauguração da exposição fotográfica “AUTISMO: COMPRENDER E AGIR – UMA MUDANÇA DE OLHAR: Diferente é o mundo que queremos”.

Saguão do prédio sede do TRT da 4ª Região

02 de abril de 2019

15h00min

O laço azul

O Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região, com a inauguração desta exposição fotográfica do Grupo 35mm, composto por servidores da Justiça Federal e do Trabalho, pretende conscientizar a sociedade acerca da necessidade de um olhar mais digno e respeitoso aos AUTISTAS.

O dia **02 de abril** foi considerado pela ONU e pelo Brasil como Dia Mundial e Nacional da Conscientização sobre o Autismo, razão da escolha desta data para o início de inúmeras atividades que visam ao esclarecimento da sociedade sobre o olhar que devemos ter sobre as pessoas com transtorno do espectro autista.

Não devemos nos concentrar apenas nas necessidades desta condição genética, mas nos concentrarmos em como se pode contribuir, por meio do relacionamento indistinto com estas pessoas e famílias, promovendo a inserção e afastando qualquer tipo de preconceito e discriminação.

Num mundo repleto de discriminação, preconceito e individualismo extremo, todos temos muito a aprender uns com os outros, além de auxiliar os autistas no seu desenvolvimento neuropsicomotor-social e cultural, para que todos tenhamos possibilidades e oportunidades de estudo e de trabalho.

Este é um grande desafio das mães, pais, tios, irmãos, filhos, sobrinhos e de todos aqueles que têm parentes com este diagnóstico, não só de compreender como de aceitar e auxiliar no desenvolvimento possível com a finalidade de inclui-los na sociedade.

Observo que a causa do autismo não é conhecida completamente, por ser um transtorno de espectro amplo e multifatorial; no entanto, estudos recentes demonstram serem os fatores genéticos, aliados aos ambientais, os mais importantes na determinação de suas causas - entre 70% a 90% - e ligados a mais de mil genes.

Não há um estudo referencial do número de autistas no Brasil: estima-se sejam dois milhões, e, segundo dados globais da ONU, cerca de 1% da população é autista, se for considerado que o Brasil, conforme os números projetados do IBGE, ultrapassou os 208 milhões de habitantes em agosto de 2018.

Não há nenhuma certeza sobre a população autista, o que impede a adoção de políticas públicas para atendimento desta população e de suas famílias, assim como propiciar o avanço em pesquisa para possibilitar um diagnóstico correto que possibilite de imediato a atuação da família para que o autista passe a se incluir no mundo.

Entendo ser a compreensão da família e o entendimento o primeiro grande desafio daqueles que têm este transtorno multifatorial. Não se pode admitir a incompreensão ou, até mesmo diria, o preconceito de todos aqueles que estão próximos. O autista deve ser acolhido e não rejeitado; deve ser compreendido e auxiliado; deve ser, acima de tudo, amado incondicionalmente por todos – pela família, pelos professores, pelos médicos e pela sociedade.

A inserção do ser humano autista no mercado de trabalho, como tivemos vários exemplos ao conhecer o trabalho de uma ONG que auxilia não só os autistas, mas todos aqueles que possuem transtornos comportamentais, situada na periferia de São Paulo e voltada ao auxílio exclusivamente de comunidades carentes, faz com que se tenha esperança de que o ser humano, em algum momento do tempo, tornar-se-á mais humano e fraterno.

Por enquanto, há muito poucas iniciativas, como se cerca de 2 milhões de autistas não fossem mais do que suficientes para conscientizar a importância de políticas de saúde pública e de apoio às famílias, uma grande maioria ainda não identificada e, certamente, uma boa parte sem condições econômicas de prestar o atendimento necessário para que o autista assuma a sua condição como cidadão, como ser produtivo e com capacidade de gerir o seu próprio destino.

O TRT da 4ª Região, graças ao trabalho desenvolvido pelo Comitê Gestor de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade, sob a gestão da Juíza Raquel Nenê Santos, em conjunto com a Comissão de Cultura deste Regional, oportuniza esta excepcional exposição sensível, humana e verdadeira.

A fotografia traduz um momento da vida destas famílias e traz muito de humanidade a este Tribunal, porque, como juízes do trabalho, temos não só a responsabilidade pela jurisdição, esta, a mais importante e fundamental, mas sem descuidar de uma obrigação com a sociedade e com todos aqueles que precisam do nosso olhar. Esta a razão de vários dos juízes e desembargadores do trabalho, além de sua indiscutível carga de trabalho, voltarem a sua atenção para outras atividades em favor dos outros, exatamente porque recebemos muito da vida, e, portanto, é indispensável repartir e trabalhar para que todos tenham as mesmas oportunidades que tivemos.

A razão do laço azul é para que todos os que hoje prestigiam estas atividades, e as que se desenvolverão ao longo desta semana, sejam pessoas capazes de reproduzir o que aprenderam, assim como transmitir ao próximo um pouco mais de solidariedade e compreensão.

Por fim, termino, com alguns pensamentos deste escritor genial – Guimarães Rosa:

“Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto.”

“Olhar para trás após uma longa caminhada pode fazer perder a noção da distância que percorremos, mas se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos o quanto nos custou chegar até o ponto final, e hoje temos a impressão de que tudo começou ontem. Não somos os mesmos, mas sabemos mais uns dos outros. E é por esse motivo que dizer adeus se torna complicado! Digamos então que nada se perderá. Pelo menos dentro da gente...”

“Cada criatura é um rascunho a ser retocado sem cessar.”